

**QUANDO A REDE RECRIA FALA: TEXTOS DE INTERNOS DO CASE COMO A
VOZ DOS MENINOS**

Cristiane da Silva Barcelos^a, Alessandra Paula Rech ^{a*}

a) Universidade de Caxias do Sul - UCS

* Autor correspondente (Orientador)
Alessandra Paula Rech, endereço: Rua Antônio Carlos Vergani,
235 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95088-602

Palavras-chave:

Comunicação. Rede Recria. Escrita.
Reclusão.

Ao transpor ideias para o papel, meninos internos do Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) de Caxias do Sul revelam experiências, angústias e planos. Ao lado de trabalhos produzidos por outros garotos e garotas em vulnerabilidade social, esses textos, oportunizados pela Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul (Recria), podem ser uma janela de comunicação para quem está, mesmo que por curto período, privado de liberdade. O que este estudo pretende é evidenciar algumas das produções dos garotos do Case e, assim, mostrá-las como canal de comunicação com o mundo. Para isso, inicialmente é necessário constar que as narrativas criadas por todos esses jovens resultam anualmente em um livro, batizado de *Mostra Literária da Rede Recria - Recriar Textos*. A edição mais recente, publicada em 2016, foi a escolhida para este breve estudo. Necessário salientar, ainda, que a Rede Recria tem a intenção de auxiliar a população carente, sendo formada por entidades governamentais e não governamentais, conselhos setoriais e poder judiciário. Em relação à condição em que vivem os jovens autores cujos textos são objeto de análise, cabe salientar que, ao estarem no Case sem contato com o mundo externo, esses garotos são submetidos às regras da instituição, o que inclui horários pré-estabelecidos e restrições de visitas, por exemplo. Assim, os meninos acabam sujeitos a rotina diferente da que levavam do lado de fora. Logo, é importante ressaltar que esse regime de reclusão pode exercer importante papel na construção das narrativas elaboradas pelos rapazes. Nesse sentido, aborda-se a ideia de que esses adolescentes podem estar “assujeitados” ao coletivo, ideia defendida por Rita Catalina Aquino

Caregnato e Regina Mutti (2006), baseadas no filósofo francês Michel Pêcheux. Para as autoras, isso ocorre à medida em que o sujeito “interioriza o conhecimento” (p. 681), teoria utilizada nesta análise. Considera-se, ainda, que os internos tenham produzido textos com influência também de toda a sua bagagem de vida. Para isso, aborda-se a visão do americano Jerome Bruner, que em artigo da revista *Critical Inquiry* (1991), aponta que “o conhecimento nunca ocorre desprovido de um “ponto-de-vista”. Salienta-se, ainda, a ponderação de Homi K. Bhabha para a necessidade de se observar o papel do lugar de onde emerge a mensagem transmitida no texto. O autor defende que “O que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas” (BHABHA, 1998, p. 81). Assim, entende-se que a mensagem que esses meninos pretendem comunicar estaria ligada tanto às suas origens, ou seja, onde, como e com quem viviam antes do ingresso no Case, bem como às relações construídas dentro do Centro de Atendimento, onde o jovem passa a viver 24 horas por dia e submetido ao regulamento imposto. Em relação aos textos em análise neste estudo, nota-se que são produzidos em primeira pessoa e que as temáticas predominantes giram em torno de drogas, violência e criminalidade. Para se ter uma ideia, o jovem T., de 16 anos, escreve “[...] Estou morrendo,/ Morrendo/ de saudade da minha filha/ Que não veio me visitar [...]” (RECRIAR, 2016, p. 240). Nesse pequeno trecho transcrito é possível identificar a necessidade do autor de comunicar o sentimento de tristeza gerado pela distância da filha. Ao observar atentamente, pode-se ainda perceber a força simbólica que o laço familiar exerce, mesmo que o menino esteja recluso e sujeito à convivência com outros garotos, que também cumprem medidas socioeducativas. Em outra narrativa, o jovem A., também de 16 anos, faz um relato da infância, de como começou a se envolver com o crime e sobre a angústia da mãe, que sempre o aguardava sem saber se ele voltaria para casa. Ao final, A. diz “[...] A minha família dizia para eu mudar, eu não dava ouvidos. Agora, mudei e larguei tudo isso de mão...” (RECRIAR, 2016, p. 239). Observa-se, nessas duas frases, que o rapaz quer comunicar a sua nova fase, ou seja, sinaliza para uma retomada da vida anterior ao ingresso no mundo da criminalidade. O que se percebe é que os meninos se comunicam muitas vezes não pelo que se lê na superfície do texto, mas pelo que a narrativa pode carregar nas entrelinhas, como forma de revelar o que esses jovens anseiam em dizer enquanto cumprem as medidas socioeducativas. Tendo por base esses dois simples exemplos, é possível apontar que o Recriar Textos funciona como uma ferramenta que proporciona a comunicação dos autores, além de

poder servir como parte de um processo de recolocação no mundo, quando esses garotos conquistam espaço para falar. Assim, o Recriar Textos passa a ser mais do que uma oportunidade de educar, por meio da escrita, mas de proporcionar que internos do Case possam se sentir parte ativa do mundo externo.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRUNER, Jerome. A Construção Narrativa da Realidade. Tradução de Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, n. 18, p. 1-21, 1991.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Out/ Dez, p. 679-684, 2006.

RECRIAR Textos – **Ler e escrever**: da realidade à fantasia. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2016.